

  
**ruep**

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa  
v. 19, n. 57, out./dez. 2022  
ISSN 2318-2083 (eletrônico)

**EDSON BRUNO DA SILVA**

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,  
Santos, SP, Brasil.*

**ANA ISABEL SOBRAL BELLEMO**

*Centro Universitário Lusíada, UNILUS,  
Santos, SP, Brasil.*

*Recebido em novembro de 2022.  
Aprovado em dezembro de 2022.*

## HUMANIZAÇÃO NA ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### RESUMO

---

**Introdução:** A humanização é a valorização de todos os envolvidos no processo de produção da saúde. A enfermagem psiquiátrica tem suas origens nos modelos asilares e tinha as características de uma instituição disciplinar que punia os doentes mentais. **Objetivo:** Discorrer sobre a humanização do cuidado na enfermagem psiquiátrica brasileira a luz da literatura. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa dos últimos 10 anos realizada através de busca na Biblioteca Virtual em Saúde, respeitando os filtros e critérios previamente estipulados. **Resultados:** Constatou-se que a humanização é um processo ininterrupto e a reforma contribuiu para mudança do olhar dentro da área da saúde. **Considerações finais:** Considera-se que continua sendo necessário trilhar o caminho dessas mudanças de paradigmas na assistência prestada para melhorar o processo de desinstitucionalização e maior investimento nas tecnologias.

**Palavras-Chave:** enfermagem psiquiátrica. humanização. assistência.

## HUMANIZATION IN PSYCHIATRIC NURSING: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW

### ABSTRACT

---

**Introduction:** Humanization is the appreciation of all those involved in the health production process. Psychiatric nursing has its origins in the asylum models and had the characteristics of a disciplinary institution that punished the mentally ill. **Objective:** To discuss the humanization of care in Brazilian psychiatric nursing in the light of the literature. **Methodology:** This is a narrative literature review of the last 10 years carried out through a search in the Virtual Health Library, respecting the previously stipulated filters and criteria. **Results:** It was found that humanization is an uninterrupted process and the reform contributed to a change in the view within the health area. **Final considerations:** It is considered that it is still necessary to follow the path of these paradigm shifts in the assistance provided to improve the process of deinstitutionalization and greater investment in technologies.

**Keywords:** psychiatric nursing. humanization. assistance.

Revista UNILUS Ensino e Pesquisa

Rua Dr. Armando de Salles Oliveira, 150  
Boqueirão - Santos - São Paulo  
11050-071

<http://revista.lusiada.br/index.php/ruep>  
[revista.unilus@lusiada.br](mailto:revista.unilus@lusiada.br)

Fone: +55 (13) 3202-4100

## INTRODUÇÃO

Para o Ministério da Saúde, humanização é a valorização dos usuários, trabalhadores e gestores no processo de produção da saúde. Valorizar é trabalhar sua capacidade de transformar a realidade em que vivem, por meio da responsabilidade compartilhada, da criação de vínculos de solidariedade, da participação coletiva nos processos de gestão e produção da saúde (BRASIL, 2022). E, a Política Nacional de Humanização (PNH) traz como premissa não somente o reconhecimento dos usuários, trabalhadores e gestores, mas aposta em novas práticas e produção de conhecimento focados no Sistema Único de Saúde (SUS). (BRASIL, 2010)

Assim sendo, pensar em humanização na saúde requer pensar na enfermagem. Lembrando que a enfermagem é uma ciência humana, de pessoas e experiências com um escopo de saberes, fundamentos e práticas de cuidado que vão do estado de saúde aos estados de doença, mediados por políticas pessoais, profissionais, científicas, estéticas, transacionais e éticas (FERREIRA, 2008). Ela coloca o ser humano e suas relações cotidianas no centro da sua prática. O intuito é cuidar e ajudar as pessoas a alcançar o mais alto grau de harmonia entre mente, corpo e alma. (LEITÃO; LINARD; RODRIGUES, 2000).

E dentro desse contexto, a assistência em psiquiatria há muito tempo tem um desafio constante para a humanidade, pois constitui um dos mistérios a serem desvendados em nossa história, da mesma forma, a enfermagem neste campo, historicamente, tem se caracterizado pela busca incessante pela definição do que pode ser considerado normal ou patológico, bem como a decodificação de patologias, diagnósticos e a busca de formas de tratar possíveis desvios. (MUNARI; GODOY; ESPERIDIÃO, 2006).

A psiquiatria e a enfermagem psiquiátrica tiveram origem nos hospícios, que tinham características de estabelecimentos disciplinares de reeducação dos indivíduos denominados como "loucos". (REINALDO; PILLON, 2007) O trabalho de enfermagem se baseava na prática de cuidado hospitalar que visava a contenção do comportamento dos "doentes mentais" (CARRARA et al., 2015). Assim sendo, a humanização da assistência nesse período se fazia um processo complexo, por ser objeto de diferentes interpretações, uma vez que o conceito de humanização está vinculado ao paradigma dos direitos, e com o tempo novas reivindicações vão surgindo a cada dia referentes à singularidade do sujeito. (LUCIETTO, 2012).

Cabe pontuar que a principal importância da humanização para a enfermagem psiquiátrica permeia a possibilidade de resgatar a singularidade do sujeito, devendo ser desenvolvido os princípios da dignidade, e dos direitos à cidadania. Logo, a enfermagem tem que se aproximar as tecnologias ofertando um cuidado humanizado. (OLIVEIRA; FORTUNATO, 2003; PAES et al., 2010)

O processo de modificação da prática em saúde mental e a concretização dos pressupostos do movimento antimanicomial acarretaram mudanças nos âmbitos teórico, jurídico e sociocultural, inclusive naqueles em que se estabelecem políticas e modelos de atenção (CORREIA; SOUSA JÚNIOR, 2020). É importante pontuar que o objetivo não é apenas estabelecer novas práticas de enfermagem em saúde mental, mas também criar uma mudança no status social que confere a loucura, questionando uma cultura que estigmatiza e marginaliza determinados grupos sociais e a necessidade de serem desenvolvidas atribuições referentes a comunicação interpessoal por parte dos enfermeiros criando relações e prestar benefícios aos pacientes e seus familiares. (TAVARES et al., 2014)

Por isso, foram criadas tecnologias implementando uma rede de serviços constituída de diversas modalidades de recursos assistenciais e comunitários como por exemplo o Projeto Terapêutico Singular (PTS) que nasce no início da década de 1990 sob os princípios de integralidade e equidade estabelecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Se tornando uma estratégia de cuidado, um conjunto de planos de tratamento que

são discutidos e construídos em conjunto por uma equipe multiprofissional. (BAPTISTA et al., 2020).

Ainda dentro da busca dessa resignificação das ações em saúde mental, surge a escuta terapêutica como uma importante ferramenta do cuidado que viabiliza ao profissional, em obter informações sobre o indivíduo e do seu estado mental, favorecendo o entendimento do real sofrimento psíquico do paciente, promovendo um caráter holístico e um cuidado humanizado (FERNANDES; LIMA; SILVA, 2018) (NASCIMENTO et al., 2020) Diante da busca do entendimento da humanização do cuidado na área da saúde mental, este estudo teve como objetivo discorrer sobre a humanização do cuidado na enfermagem psiquiátrica brasileira a luz da literatura.

## A HISTÓRIA DA REFORMA PSIQUIÁTRICA E NOVOS PARADIGMAS ASSISTENCIAIS

O primeiro paradigma da psiquiatria no Brasil foi baseado na psiquiatria francesa do final do século XVIII, que enfatizava os conceitos e práticas que permitiam a medicalização da loucura. O primeiro hospício brasileiro abriu suas portas em 1852, com a publicação do Estatuto do Hospício de Pedro II, que estabeleceu a organização interna e o funcionamento do hospital e foi vinculado e administrativamente subordinado à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Com base no princípio do isolamento, o Hospital Pedro II foi o local da ação terapêutica da recém-criada clínica psiquiátrica, bem como de sua organização singular, que incluía vigilância e regulação do tempo. (RIBEIRO, 2016).

A relação entre o Hospício de Pedro II e a Santa Casa da Misericórdia estreitou ainda mais as relações entre a instituição e a Coroa, porém com o final do Império as críticas à administração da Santa Casa se tornaram mais contundentes. Existiram acusações, desde 1830, sobre a condição dos loucos no Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. O hospital era condenado que só apartaria o louco do convívio social quando ele demonstrasse ser perigoso e não permitir o domínio do que era denominado loucura. (CARVALHO et al., 2019)

A década de 70, foi significativamente produtiva para o processo de participação social na reforma psiquiátrica e na construção da psiquiatria dos dias de hoje, com movimentos como o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) e Movimento da Luta Antimanicomial (MLA), bem como as Conferências Nacionais de Saúde, criação da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME) e os Encontros Nacionais do Movimento Nacional de Luta Antimanicomial (MNLA) (AMARANTE; NUNES, 2018).

No final dessa década, havia a necessidade urgente de uma política nacional de saúde mental no Brasil e a reforma de seus serviços era absolutamente essencial. As primeiras reformas implementadas em algumas cidades deram uma valiosa contribuição para os primeiros passos da construção de uma Política Nacional de Saúde Mental. O desenvolvimento da política de saúde mental no Brasil esteve intimamente relacionado à descentralização da gestão da saúde no país, à mobilização dos profissionais e às mudanças socioculturais da sociedade brasileira. (ALMEIDA, 2019).

Do ponto de vista da assistência, a clientela portadora de transtornos mentais na década de 70 no Brasil era caracterizada por uma assistência de modelo hospitalocêntrico, repleta de denúncias de superlotação e de violações dos direitos humanos elementares que acabaram ganhando visibilidade. Porém toda essa representação e engajamento dos movimentos em prol da luta pela saúde mental trouxe a década de 80 um importante acúmulo de forças, que repercutiu em avanços da Constituição Federal de 1988 e seus desdobramentos posteriores, como a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). (VASCONCELOS, 2012)

Acontecimentos importantes como: a inauguração do primeiro Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em 1987 na cidade de São Paulo, a intervenção e fechamento da Clínica Anchieta em Santos/SP em 1989 e as emendas legislativas propostas pelo então deputado Paulo Delgado por meio da Lei 3.657, impulsionaram a reforma psiquiátrica no

Brasil, baseada em modelos implantados em outros países, focou no fechamento das instituições de cunho asilar e buscou a substituição progressiva por serviços abertos de base comunitária integrados ao seu território. (BRASIL, 2018).

Em 1990, o Brasil tornou-se signatário da Declaração de Caracas (1992), que propôs a reestruturação da assistência psiquiátrica. A partir de 1992, um movimento social inspirado no projeto de lei de Paulo Delgado conseguiu aprovar as primeiras leis em vários estados brasileiros que estabeleciam a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por uma rede abrangente de atenção à saúde mental. Foi a partir desse período que a política de saúde mental do Ministério da Saúde (MS), de acordo com as diretrizes da reforma psiquiátrica em construção, começou a ganhar contornos mais claros. (BRASIL, 2005). Porém somente em 2001 foi aprovada a Lei Federal nº 10.216, que estabeleceu a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais e reestruturou o modelo de atenção à saúde mental. (BARROSO; SILVA, 2011).

Dessa lei, surge a política de saúde mental decorrente, que tem como principal objetivo garantir a assistência às pessoas com transtornos mentais nos serviços de um hospital psiquiátrico alternativo, supera, assim, a lógica da internação prolongada de pacientes, isolando-os de seus familiares e da sociedade como um todo. (BELLEMO et al., 2022). Logo, a falência do modelo asilar faz enfermagem psiquiátrica abandonar a rotina, a tecnologia ou psicofármacos e focar suas ações na relação terapêutica entre a enfermagem e o paciente. (ALVES; OLIVEIRA, 2010). Contudo essa trajetória mostra não somente a carência de enfermeiros nas instituições, mas também a desqualificação dos serviços prestados, bem como passar a focar na assistência de enfermagem, administrada por enfermeiros e realizadas pelas equipes compostas por auxiliares e técnicos de enfermagem. (COSTA et al., 2017).

As transformações a partir da Reforma Psiquiátrica reverteram o modelo de assistência centradas no âmbito manicomial para um modelo alternativo de Atenção Psicossocial, onde o acesso, o acolhimento, a valorização da pessoa, o vínculo e o acompanhamento das pessoas em situações-limite precisam ser reconhecidos pelos profissionais, em favor da legitimação das práticas do enfermeiro. (ALVES; LUIS, 2020; ESPERIDIÃO et al., 2013).

## POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE MENTAL NO BRASIL

A reforma acende e alerta aos profissionais um novo pensar no cuidado desse paciente em sofrimento psíquico, e surgem políticas públicas importantes na contribuição da mudança de paradigmas e na ressignificação do cuidado. A Política Nacional de Humanização e a Política de Atenção Saúde Mental promulgada em 2001 se tornam importantes no processo de cuidar integral e comunitário, propondo o acolhimento, a autonomia, a corresponsabilidade e o protagonismo como essenciais nas novas práticas do cuidado (SANTOS; LIMA, 2021)

O “novo” modelo de saúde mental trouxe não somente novas propostas de cuidado, mas também novas redes para o enfrentamento do sofrimento mental. E surgem outros equipamentos como além dos CAPS, dentro de todo esse contexto surge a Rede de Atenção Psicossocial (RAPs) através da Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011, com a proposta de organização dos novos serviços de saúde mental no país (SAMPAIO; BISPO JÚNIOR, 2021).

A Rede de Atenção Psicossocial (RAPs) do SUS organiza e estabelece o processo de cuidado às pessoas com transtornos mentais, dos mais graves aos mais simples. Caso a caso, receber esses pacientes e seus familiares é fundamental para identificar as necessidades de cuidados, aliviar o sofrimento e planejar intervenções medicamentosas e terapêuticas. Pessoas em situação de crise podem receber atendimento integral e gratuito da rede pública de saúde em qualquer um dos serviços da RAPs que são compostos por unidades com finalidades diversas. Cabe ressaltar que dentre todos os importantes

equipamentos da RAPs, os CAPS, assumem um papel centralizador e organizador da atenção em nível territorial. (LIMA; GIMARÃES, 2019), porém os CAPS devem trabalhar de forma articulada com os demais serviços, pois não são os únicos responsáveis pelas intervenções em saúde mental. (MIRANDA; OLIVEIRA; SANTOS, 2014).

Nos CAPS, a ênfase é colocada no trabalho interdisciplinar, no atendimento comunitário baseado nas necessidades e promovendo a inclusão na participação em redes sociais para melhorar a qualidade do atendimento, a abertura e flexibilidade nas relações entre os técnicos e outros atores relevantes e o compromisso sociopolítico (CENCI, 2016). O papel do CAPS é prestar atendimento clínico no dia a dia, evitando a internação em instituições psiquiátricas. No entanto, o desafio de superar o descompasso entre o que a teoria preconiza e os pontos fortes do modelo permanece centrado na medicalização da assistência médica e em seu estigma. (RODRIGUES et al., 2010).

Por ser um serviço aberto, os usuários procuram o CAPS de forma espontânea, por isso devem ser acolhidos e ouvidos em sua singularidade; a equipe deve buscar se conectar com ele e construir um programa terapêutico que será seu tratamento (SOARES et al., 2011). Entre as atividades realizadas pelo CAPS estão: atendimento individual e em grupo, atendimento a familiares, visitas domiciliares, eventos comunitários ligados a outros dispositivos existentes na área, e comícios com a participação dos usuários visando à promoção da cidadania e melhor organização e atendimento. (EMMANUEL-TAURO; FOSCACHES, 2018).

Outro importante instrumento, o PTS, tem se mostrado uma importante estratégia de atenção à saúde mental, principalmente diante das conquistas e diretrizes defendidas pelas políticas públicas de saúde como humanidade, integridade e equidade no cenário brasileiro, contribuindo para descobrir novos caminhos, o lidar com a "loucura". Ele é projetado para indivíduos, famílias ou grupos para promover a integralidade e a equidade no atendimento. (BAPTISTA et al., 2020).

## HUMANIZAÇÃO NA ENFERMAGEM PSQUIÁTRICA

A partir da década de 1990, as pessoas passaram a utilizar o conceito de humanidade, que é respeito à dignidade e respeito à vida humana. A aplicação da humanização no campo da saúde remete a um conceito de política de proteção aos direitos dos usuários, que é medido por conceitos operacionais como satisfação e receptividade. (LUCIETTO, 2012). Humanizar na história se aplica a movimentos de recordação que restauram valores humanos esquecidos ou danificados durante períodos de enfraquecimento (CHERNICHARO; SILVA; FERREIRA, 2014). No campo da saúde, são muitas as ações conhecidas como humanizadas. A enfermagem vai além de atender as necessidades físicas individuais, tudo é feito com mais carinho e cuidado com o paciente. Enfermeiros em unidades de tratamento ajudam pessoas com transtornos mentais a melhorar sua saúde. (CRUZ et al., 2019).

A Política Nacional de Humanização (PNH) aponta mudanças na gestão da saúde e do cuidado, bem como na educação dos profissionais e de acadêmicos da área da saúde mental, porém ainda é percebido uma fragmentação do trabalho, e do saber científico. Desafios estes devem ser levados em consideração no desenvolvimento do cuidado do ser humano dentro do seu contexto social. (MARTINS; LUCIO, 2017)

O principal significado da humanização da enfermagem é salvar a subjetividade do sujeito, ou seja, passar de um aspecto clínico para um aspecto mais abrangente e único, e aprofundar o diálogo entre enfermeiro e paciente. (ROCHA et al., 2021). E assim é importante sempre lembrar que cada paciente tratado com humanidade garante melhores resultados, e para tanto o acolhimento humanizado de pessoas com transtornos mentais em uma unidade de atendimento é o primeiro passo para a construção de um vínculo de confiança entre familiares, pacientes e profissionais de saúde, concretizando-o como um dos dispositivos essenciais no trabalho em saúde mental (LIMA et al., 2018)

Outros pontos a serem destacados, é a autonomia que a reforma psiquiátrica já traz em suas diretrizes a promoção da autonomia do sujeito, e a enfermagem deve adotar para ajudar as pessoas em sofrimento psíquico a fazerem suas escolhas de maneira independente, evitando prejuízos durante o processo de adoecimento.(PARANHOS-PASSOS; AIRES, 2013; DUTRA; BOSSATO; OLIVEIRA, 2017) Bem como a escuta terapêutica que está configurada como uma estratégia tecnológica favorecendo a comunicação efetiva, e positivamente auxiliando o cuidado humanizado.(MESQUITA; CARVALHO, 2014) E o seu protagonismo do seu cuidado, percebendo que o paciente impacta a construção de uma responsabilização compartilhada e protagonista inclusive na construção do PTS. (MARTINS; LUZIO, 2016).

## METODOLOGIA

A opção metodológica deste estudo foi por uma revisão bibliográfica narrativa. A busca dos artigos foi feita na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS/BDENF). Foi utilizado com o uso do descritor: HUMANIZAÇÃO AND ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA, seguido pelo uso dos seguintes filtros: apenas artigos com texto completo no idioma português, dentro do balizamento temporal dos últimos 10 anos (2012 a 2022), focando como assuntos principais: Enfermagem Psiquiátrica, Humanização da Assistência e Cuidados de Enfermagem como mostra o esquema de detalhamento de busca abaixo em destaque. Foram ainda utilizados os seguintes critérios de exclusão: artigos com pesquisas fora do Brasil e outras obras (teses).

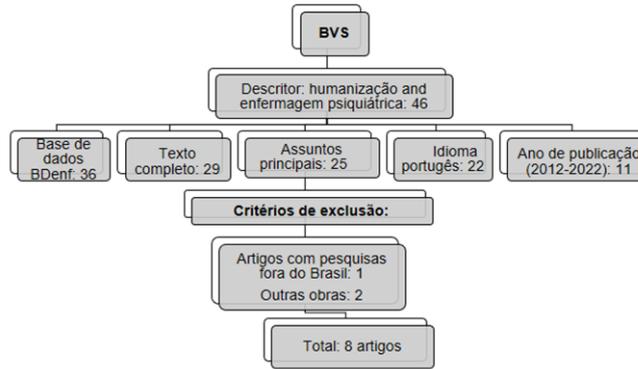
```
Humanização AND enfermagem psiquiátrica AND (fulltext:("1" OR "1" OR "1" OR "1") AND db:("BDENF") AND mj:("Enfermagem Psiquiátrica" OR "Humanização da Assistência" OR "Cuidados de Enfermagem") AND la:("pt")) AND (year_cluster:[2012 TO 2022])
```

Para a análise foi feita uma leitura prévia nos resumos, seguido pela leitura em sua íntegra, e discutidos a posteriori com a literatura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 8 artigos após aplicação da metodologia descrita, como mostra o fluxograma 1. Os artigos estão apresentados abaixo por ordem decrescente de ano de publicação como mostra o quadro abaixo (figura 2), seguidos da discussão. Dentre eles, 4 artigos abordam o modelo antigo de assistência/Reforma Psiquiátrica brasileira, 3 artigos citam a escuta como forma de humanização, 1 artigo explica a Política Nacional de Humanização, 2 artigos discorrem sobre teorias de enfermagem e 5 artigos pontuam para o sucesso terapêutico a participação da família e autonomia do indivíduo.

Figura 1: Fluxograma da metodologia e resultados encontrados.



Fonte: (SILVA; BELLEMO, 2022).

Figura 2: Quadro De Resultados.

| AUTOR/ANO                        | TITULO   | METODO  | OBJETIVO  | RESULTADOS  |
|----------------------------------|--|---|---|---|
| SILVA <i>et al.</i> , 2021.      | Modelos de gestão em enfermagem na saúde mental: scoping review    | Scoping review  | Mapear as evidências científicas disponíveis sobre modelos de gestão de Enfermagem na saúde mental  | A presente amostra foi composta por oito estudos e de acordo com a análise desses estudos a síntese qualitativa rendeu duas classes: modelos teóricos de gestão aproximados da administração tradicional, normas e regulamentos; e modelos de gestão aproximados gestão inovadora, participativa e centrada nas pessoas.  |
| NASCIMENTO <i>et al.</i> , 2020. | Escuta terapêutica: uma tecnologia do cuidado em saúde mental      | Estudo bibliográfico, descritivo, integrativo                         | Caracterizar a escuta terapêutica analisando os benefícios na atenção a pessoas com transtornos mentais em diferentes níveis assistenciais.                       | O presente artigo aborda a escuta terapêutica e os benefícios na atenção a pessoas com transtornos mentais em diferentes níveis assistenciais. A escuta terapêutica é eficiente e deve ser implementada em diversos cenários. É necessário realizar novas pesquisas para maior conhecimento acerca do assunto e sua aplicabilidade.   |
| SILVA <i>et al.</i> , 2018.      | Cuidado clínico de enfermagem em saúde mental                      | Estudo bibliográfico, descritivo integrativo                          | Identificar os elementos que caracterizam o cuidado clínico de Enfermagem em Saúde Mental no contexto da Reforma Psiquiátrica e da Humanização da Assistência.    | O presente artigo identifica os elementos que caracterizam o cuidado clínico de enfermagem em saúde mental no contexto da reforma psiquiátrica e da humanização da assistência. Os preceitos da reforma psiquiátrica brasileira e da política nacional de humanização devem ser respeitados na enfermagem aplicada a saúde mental além disso, a interdisciplinaridade é uma aliada para a ampliação da clínica. |
| OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2017.   | O sentido do cuidado de enfermagem durante internação psiquiátrica | Estudo de campo, exploratório-descriptivo, de abordagem quantitativa. | Identificar o sentido atribuído aos principais cuidados de enfermagem, prestados durante internação psiquiátrica, segundo opinião de pacientes e profissionais de | Este estudo identifica o sentido atribuído aos principais cuidados de enfermagem prestados durante a internação psiquiátrica considerando a opinião de pacientes e profissionais de   |

Fonte: (SILVA; BELLEMO, 2022).

| AUTOR                          | TÍTULO  | MÉTODO                                       | OBJETIVO  | RESULTADOS  |
|--------------------------------|---|--|---|---|
|                                |   |  | profissionais da enfermagem.  | enfermagem. Os sinais de acolhimento e apoio se baseiam na escuta/presença, porém, nem sempre os profissionais estão disponíveis para escutar os pacientes.   |
| BURIOLA <i>et al.</i> , 2017.  | Avaliação da estrutura física de recursos humanos de um serviço de emergência psiquiátrica  | Avaliação de Quarta geração                  | Identificar a percepção de profissionais, usuários e familiares sobre a estrutura do serviço de emergência psiquiátrica de um hospital geral. | A apuração deste artigo, através do método comparativo constante, averiguou a carência na estrutura física para o atendimento de pacientes psiquiátricos no setor de emergência, a falta de recursos humanos, aproveitar melhor os protocolos disponíveis e a diminuição do tempo de internação de crianças.  |
| FRANZOI <i>et al.</i> , 2016.  | Teoria das relações interpessoais de Peplau: uma avaliação baseada nos critérios de Fawcett | Estudo analítico-descritivo                  | Avaliar a Teoria das Relações Interpessoais de Peplau de acordo com o modelo de Fawcett   | No que se refere ao desenvolvimento do cuidar, a teoria de Peplau traz julgamentos densos, claros, precisos e intrínseco. Mesmo assim, sendo necessário, aprimorar os estudos que englobam esta teoria.   |
| OLIVEIRA <i>et al.</i> , 2015. | Cuidar humanizado: descobrindo as possibilidades na prática da enfermagem em saúde mental   | Pesquisa exploratória de caráter qualitativo | Identificar o cuidado humanizado como instrumento da reorganização da prática de enfermagem em saúde mental                                   | Os autores do artigo identificam o cuidado humanizado como instrumento da prática de enfermagem em saúde mental. Os resultados obtidos nesta pesquisa exploratória revelam o entendimento dos entrevistados sobre a humanização e na concepção deles significa cuidar das pessoas coletivamente com responsabilidade, compromisso e ética além de ajudar a vencer suas limitações |

Fonte: (SILVA; BELLEMO, 2022).

## DISCUSSÃO

O Ministério da Saúde (2022) reconhece a humanização como valorização dos usuários, trabalhadores e gestores envolvidos no processo de saúde. E assim a literatura mostra que a Reforma Psiquiátrica no Brasil traz mais ênfase para a humanização buscando a superação social e cultural dos estigmas vinculados à loucura (SANTOS; LIMA, 2021).

Tanto a literatura quanto o artigo de Nascimento *et al.*, (2020) trazem a realidade que o atendimento aos indivíduos portadores de transtornos mentais necessitava de uma reformulação devido a toda negligência evidenciada historicamente, favorecendo então o início da reforma psiquiátrica brasileira. Ao implantar um novo modelo de assistência, o modelo manicomial foi substituído pelos cuidados humanizados com direitos à cidadania assim valorizando o indivíduo e atendendo-o em sua totalidade (ESPERIDIÃO *et al.*, 2013). Para complementar, no que diz respeito à cidadania, Pessoa Júnior *et al.*, (2014) aborda a inclusão social para o resgate da cidadania.

No que diz respeito a humanização psiquiátrica, o estudo de Tavares *et al.*, (2014) evidencia a necessidade da criação de novas tecnologias para melhoria do cuidado, e, em concordância com os autores Oliveira *et al.*, (2017) selecionados na busca desse estudo, afirma que ouvir atentamente e estar presente são pontos muito valorizados pelos pacientes no contexto psiquiátrico. Porém, ainda existe a queixa de que nem sempre os profissionais estão disponíveis para realizar a escuta terapêutica entrando em

concordância com Costa et al., (2017) que preconiza a necessidade de possuir uma capacidade por parte dos profissionais para ter um desenvolvimento conveniente.

No quesito escuta terapêutica, tanto a literatura estudada previamente com os artigos de Nascimento et al. (2020) e Silva et al. (2018) trazem a escuta como um dos preceitos que compõem a humanização em saúde. Entendendo que a escuta revela grande significância acerca do cuidado holístico, pois compreende o sujeito como ser biopsicossocial, evidenciando a importância de implementá-la como tecnologia de relação e de promoção da saúde além de alertar sobre a importância da escuta com sensibilidade aos usuários, caracterizando a humanização no cuidado. (MESQUITA; CARVALHO, 2014).

Segundo Oliveira et al. (2015) o acolhimento, uma das diretrizes da PNH deve fundamentar a prática da enfermagem psiquiátrica, utilizando da escuta como ferramenta para sucesso na terapêutica, afirmando que para o trabalho seja humanizado, é necessário que haja disponibilidade para ouvir, acolher, dar atenção e humanizar de forma criativa, fator também evidenciado no estudo de Santos; Lima (2021) que propõe o acolhimento, a autonomia, a corresponsabilidade e o protagonismo como essenciais nas novas práticas do cuidado. Discorrendo ainda sobre o acolhimento, Rocha et al. (2021) afirma o acolhimento como primeiro passo para investigar a conexão entre o paciente e o enfermeiro enxergando o mesmo além da clínica. Desafios são encontrados, entre eles está a fragilidade nas competências e habilidades dos enfermeiros para abordar esta temática, bem como a indisponibilidade por parte dos profissionais evidenciado por Silva et al. (2021) em seu estudo.

O estudo de Nascimento et al. (2020) também discorre sobre a capacitação e agrega o fato da indisponibilidade dos profissionais, evidenciando que o cenário não é perfeito carecendo de investimentos. O artigo Silva et al. (2018) desse estudo complementa que a escuta terapêutica traz autonomia aos envolvidos favorecendo assim o processo de atenção no cuidado, fato esse totalmente corroborado pela literatura que afirma a importância do favorecimento da autonomia do cuidado no crescimento do processo de humanização do cuidado. E mostra ainda que a reforma psiquiátrica trouxe ao portador de transtornos psiquiátricos dignidade e direitos até então negligenciados (DUTRA; BOSSATO; OLIVEIRA, 2017). Ambos os autores ainda ressaltam valorização da formação acadêmica que visa revolucionar a assistência, formando enfermeiros que abdicuem de preconceitos e enxerguem a enfermagem psiquiátrica com outro olhar, o olhar humanizado. Cabe pontuar que a humanização deve ser norteadada por princípios, sendo eles: valorização da dimensão subjetiva, fortalecimento do trabalho em equipe, apoio à construção de redes de assistência e o protagonismo dos sujeitos e coletivos (BRASIL, 2022; PESSOA JÚNIOR et al., 2014). Neste contexto, entende-se que o indivíduo deve ser protagonista no processo saúde-doença, e todos os profissionais que estiverem neste cenário têm corresponsabilidade ética nas ações em saúde. (SILVA et al., 2018; MARTINS; LUCIO, 2017).

Ao abordar indivíduos portadores de transtornos mentais internados em uma unidade psiquiátrica, Oliveira et al. (2017) evidencia a importância da administração de psicofármacos na atenuação dos sintomas, tornando os efeitos colaterais irrelevantes em relação a melhora proporcionada. Em contrapartida, o relato dos enfermeiros revelou que a medicação, em muitos casos, pode ser substituída pela humanização, destacando a importância do diálogo para este grupo de pacientes conciliando as falas de Alves; Oliveira, (2010) onde salientam o foco na relação terapêutica e não na medicação em si.

O estudo de Silva et al. (2021) define a gestão de pessoas e o gerenciamento dos serviços como processo fundamental na enfermagem, entretanto, historicamente, estes conceitos baseavam-se apenas na parte gerencial, valorizando as relações de produção subjetiva, e não incluindo o cuidado humanizado centrado no paciente psiquiátrico. Desta forma, ao reproduzir modelos antigos, a gestão em saúde mental incluía práticas de isolamento, segregação, exclusão e fragmentação. O autor confronta a questão histórica ao afirmar que a terapêutica voltada para os usuários em saúde mental deve promover segurança e relação de confiança com o profissional, para promover recuperação efetiva.

surgindo assim, como citado em estudos de Franzoi et al. (2016), uma enfermagem mais estruturada como ciência baseadas em suas teorias fundamentadas pela ação e pensamentos.

O presente estudo ainda traz a observação que apesar das mudanças observadas na prática assistencial, ainda existem precariedades nas rotinas observadas no Brasil. O artigo de Buriola et al (2017) afirma que a estrutura física infere diretamente na percepção positiva do usuário a respeito do atendimento que lhe é prestado. Com isso, destacou-se a importância da presença de ar-condicionado, paredes pintadas com cores alegres, boa iluminação e informativos visuais, como pode também ser percebido no estudo de Alves; Luis, (2020) onde para o cuidado terapêutico todos estes itens devem estar bem localizados e se investir em adequações para evitar, por exemplo, uma iluminação artificial, pois ambientes com pouca luminosidade e mudanças de temperatura impactam no humor e no bem-estar.

Por fim, o artigo encontrado de Franzoi et al. (2016) e Pessoa Júnior et al. (2014) aborda as teorias de enfermagem, afirmando que Peplau é a principal referência sobre cuidado humanizado pois sua teoria das relações interpessoais revela a importância da interação entre o profissional e o paciente, focando em identificar suas dificuldades e ajudá-lo a resolver seus problemas. Assim, se assemelha ao processo de enfermagem atual, porém, a enfermagem segue em constante atualização, diferente da teoria que necessita de aperfeiçoamento. Em concordância Silva et al. (2021) afirma que a teoria de Peplau é importante para fundamentar a prática das enfermeiras, sendo então considerada instrumento essencial na assistência da enfermagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da proposta deste trabalho, identificou-se que historicamente a reforma psiquiátrica, que tinha como objetivo principal a humanização do atendimento ao doente mental, contribuiu de forma efetiva para o encerramento dos manicômios e o antigo modelo asilar. No que se refere ao cuidado ao paciente com transtorno psiquiátrico, a equipe de enfermagem é quem está mais próxima do processo, assim, torna-se necessário o interesse de todos os sujeitos envolvidos nas melhores formas de humanizar desde que foram cessadas as punições mentais e físicas como formas de tratamento. Assim sendo necessário, continuar no caminho de uma mudança na assistência prestada, começando na formação do profissional para que possa cada vez mais se desinstitucionalizar e aderir as novas tecnologias tratando o indivíduo de forma integral através de um maior acolhimento, uma escuta ativa eficiente, maior participação da família neste processo saúde-doença junto aos serviços disponíveis através das políticas públicas de saúde mental no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. M. C. DE. Política de saúde mental no Brasil: o que está em jogo nas mudanças em curso. Cadernos de saúde pública. Rio de Janeiro RJ, v. 35, n. 11, out 2019. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/csp/a/KMwv8Drw37NzpmvL4WkHcdC/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 12 fev. 2022.
- ALVES, M.; OLIVEIRA, R. M. P. Enfermagem psiquiátrica: discursando o ideal e praticando o real. Revista Enfermagem. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, 14(1), jan-mar 2010. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/ean/a/zmpYPXkQgwqr9B8ptHH9dXb/lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

- ALVES, T. C.; LUIS, M. A. V. Unidade psiquiátrica em hospital geral: características de estrutura e organização. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*. Bahia BA, 10, dez 2020. Disponível em: <<http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/3470>> Acesso em: 12 fev. 2022.
- AMARANTE, P.; NUNES, M. DE O. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. *Ciência & saúde coletiva*. Rio de Janeiro RJ, v. 23, n. 6, p. 2067-2074, jun 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.07082018>>. ISSN 1678-4561. > Acesso em: 12 fev. 2022.
- BAPTISTA, J. Á. et al. Projeto terapêutico singular na saúde mental: uma revisão integrativa. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília DF, v. 73, n. 2, p. e20180508, mar 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0508>> Acesso em: 12 fev. 2022.
- BARROSO, S. M.; SILVA, M. A. Reforma Psiquiátrica Brasileira: o caminho da desinstitucionalização pelo olhar da historiografia. *Revista da SPAGESP*. Ribeirão Preto SP, v. 12, n. 1, p. 66-78, jun 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702011000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000100008&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 14 fev. 2022.
- BELLEMO, A. I. S. et al. Conhecendo os serviços das emergências psiquiátricas: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde* (ISSN 2178-2091). Santos SP, v. 15, n. 8, p. e10788, ago 2022. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/10788>> Acesso em: 24 fev. 2022.
- BOUTTELET MUNARI, D.; HAGEN GODOY, M. T.; ESPERIDIÃO, E. Ensino de enfermagem psiquiátrica/Saúde Mental na faculdade de enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, v. 10, n. 4, p. 684-693, dez 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/FSSFVTvhFJGSBwKXZMKR7Hp/lang=pt>> Acesso em: 14 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental. Brasília DF, 2018. Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/VPC/reforma.html>> Acesso em: 15 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília DF, 2010. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizausus\\_documento\\_gestores\\_trabalhadores\\_sus.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizausus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Humanização - Humaniza SUS. Brasília DF, p.1, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/humanizausus>>. Acesso em 14 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Brasília DF, 2005, 56p. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf)> Acesso em: 15 fev. 2022.
- BURIOLA, A. A. et al. Avaliação da estrutura física e de recursos humanos de um serviço de emergência psiquiátrica. *Texto & contexto enfermagem*. Santa Catarina SC, v. 26, n. 4, e3240016, nov 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/jXwWtftpYTc3CV7Tky8tKhPL/?lang=pt>> Acesso em: 24 mar. 2022.

- CARRARA, G. L. R., et al. Assistência de enfermagem humanizada em saúde mental: uma revisão da literatura. Revista Fafibe. Bebedouro SP, 8 (1), p. 86-107, ago 2015. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/36/30102015183642.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.
- CENCI, M. O cuidado na saúde mental: trabalho do enfermeiro no Centro de Atenção Psicossocial. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Universidade do Vale do Taquari - Univates. Lajeado SP, dez 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/items/adcc129e-a15f-4179-af0c-cc68ee70be83>. Acesso em: 09 mar. 2022.
- CHERNICHARO, I. DE M.; SILVA, F. D. DA.; FERREIRA, M. DE A. Caracterização do termo humanização na assistência por profissionais de enfermagem. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, 18(1), p. 156-162. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127730129022> Acesso em: 18 fev. 2022
- CORREIA, L. C.; SOUSA JUNIOR, J. G. DE. O movimento antimanicomial como sujeito coletivo de direito. Revista Direito e Práxis. Rio de Janeiro RJ, v. 11, n. 3, p. 1624-1653, jul-set 2020. Disponível em: <doi: 10.1590/2179-8966/2019/39138>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- COSTA, M., et al. Trajetória histórica da enfermagem em saúde mental no Brasil: uma revisão integrativa trajetória histórica da enfermagem em saúde mental no Brasil. Journal of health connections. Sergipe CE, v. 10 n.3, jul 2017. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/journalhc/article/viewArticle/331> Acesso em: 05 mar. 2022.
- CRUZ, A. M. E., et al. Assistência humanizada a pessoa com transtornos mentais. Revista de psicologia [S.I], v. 17, n. 15, p. 1013-1026, 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v15i57.3286>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- DE CARVALHO, C. M. S. M. et al. A trajetória da enfermagem em saúde mental no Brasil. Ciência Atual - Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José. São José SC, v. 13, n. 1, fev 2019. Disponível em: <https://revista.saojose.br/index.php/cafsj/article/view/351>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- DE OLIVEIRA, L. C., et al. Cuidar humanizado: descobrindo as possibilidades na prática de enfermagem em saúde mental. Revista de Pesquisa Cuidado é fundamental. Rio de Janeiro RJ, v.7 n.1, p.2, 2015. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oaid=505750945003>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- DE OLIVEIRA, R. M.; JÚNIOR, A. C. S.; FUREGATO, A. R. F. O sentido do cuidado de enfermagem durante internação psiquiátrica. Revista de enfermagem UFPE. [S.I], v.11, n.4, p. 1687-1698, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/15266>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- DO NASCIMENTO, J. M. F. et al. Escuta terapêutica: uma tecnologia do cuidado em saúde mental. Revista de enfermagem UFPE. [S.I], v.14, mar 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/244257>. Acesso em: 21 mar. 2022.
- EMMANUEL-TAURO, D. V.; FOSCACHES, D. A. L. As atuais políticas de saúde mental no Brasil: reflexões à luz da obra de Cornelius Castoriadis. Mental. Barbacena MG, v. 12, n. 22, p. 90-112, jun 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272018000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272018000100007). Acesso em: 25 ago. 2022.

ESPERIDIÃO, E., et al. A Enfermagem Psiquiátrica, a ABEn e o Departamento Científico de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental: avanços e desafios. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília DF, v. 66, p. 171-176, n. spe, set 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/reben/a/jKFMxQCPWSdCcVm5b9q9Bcy/lang=pt>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FERNANDES, M. A., LIMA, G. A., SILVA, J. S. Escuta terapêutica como estratégia de prevenção ao suicídio: relato de experiência. *Revista Enfermagem UFPI*. Piauí, v. 7, n. 1, p.75-79, jan-mar 2018. Disponível em: <<https://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/6597/pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

FERREIRA, M. DE A. A prática da ciência e da arte de cuidar e as exigências à produção e difusão do conhecimento. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro RJ, v.12, n.2, p. 205-207, jun 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/kVGXN49H9v9LbVS7Qq6HzLs/?lang=pt>>. Acesso em: 28 set. 2022.

FRANZOI, M. A. H. et al. Teoria das relações interpessoais de Peplau: uma avaliação baseada nos critérios de Fawcett. *Revista de enfermagem UFPE*. [S.l.], v. 10, n.4, p. 3653-3661, ago 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11140>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LEITÃO, G. DA C. M.; LINARD, A. G.; RODRIGUES, D. P. Conceitos de enfermagem segundo Roy, Orem e Watson. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo SP, v. 13, n. 3, p. 76-80, mar 2000. Disponível em: <<https://acta-ape.org/article/conceitos-de-enfermagem-segundo-roy-orem-e-watson/>>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LIMA, D.W.C. et al. Referenciais teóricos que norteiam a prática de enfermagem em saúde mental. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro RJ, v.18, n.2, p. 336-342, set 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140049>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LUCIETTO, Z. M. Significado do cuidado humanizado para familiares de pessoas com transtorno mental. *Centro Universitário Univates*. Lajeado SP, p.50, 2012. Disponível em: <<https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/5ae3ffe9-9467-41c3-a982-f05200ea38da/content>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MARTINS, C. P.; LUZIO, C. A. Política HumanizaSUS: ancorar uma nave no espaço. *Botucatu SP*, v.21, n.60, p.13-22, nov 2016 Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/g5QhYLCVmhdNkmbkySCTRbC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 17 mar. 2022.

MESQUITA, A. C.; CARVALHO, E. C. A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde: uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo SP, v. 48 n.6, p. 1127-1136, dez 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reusp/a/5WwTvQ5q7F6qvhBrDMLWbG/?lang=pt>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

MIRANDA, L.; OLIVEIRA, T. F. K.; SANTOS, C. B. T. Estudo de uma Rede de Atenção Psicossocial: paradoxos e efeitos da precariedade. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília DF, v. 34, n. 03 p. 592-611, jul-set 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/6BCZKQNNScJxHrDgTqDKwdK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MUNARI, D. B.; GODOY, M. T. H.; ESPERIDIÃO, E. Ensino de enfermagem psiquiátrica/saúde mental na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, v. 10, n.4, p. 684-693, dez 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/FSsFVTvhFJGSBwKXZMKR7Hp/?lang=pt>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

OLIVEIRA, F. B.; FORTUNATO, M. L. Saúde mental: reconstruindo saberes em enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília DF, v. 56, n. 1, p. 67-70, fev 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/rZPZsq8h7msTh6vKdmnDPhj/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PAES, M. R. E.; BORBA, L. O.; LABRONICI, L. M.; MAFTUM, M. A. Cuidado ao portador de transtorno mental: percepção da equipe de enfermagem de um pronto atendimento. Ciência e Cuidado de Saúde, Maringá PR, v. 9, n. 2, p. 309-316, set 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/11238>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

PARANHOS-PASSOS, F. e AIRES, S. Reinserção social de portadores de sofrimento psíquico: o olhar de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. Revista de Saúde Coletiva: Physis. Rio de Janeiro RJ, v. 23, n. 01, mai 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000100002>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

PESSOA JÚNIOR, J., et al. Ações e cuidados de enfermagem em saúde mental num hospital-dia psiquiátrico: uma revisão integrativa. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental. Rio de Janeiro RJ, v. 6 n.2, p. 821-829, abr-jun 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750622038.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

REINALDO, A. M. DOS S.; PILLON, S. C. História da enfermagem psiquiátrica e a dependência química no Brasil: atravessando a história para reflexão. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, v. 11, n. 4, p. 688-693, dez 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/S55bNnxy43RHJ6jjsKJjFLk/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 06 mai. 2022.

RIBEIRO, D.C. Os sentidos do hospício de Pedro II: Dinâmicas sociais na constituição da psiquiatria brasileira. Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz. Rio de Janeiro RJ, p.256, 2016. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24022>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

ROCHA, I. C., et al. Atuação do enfermeiro diante do atendimento humanizado nos serviços de urgência e emergência: os desafios para a implementação. Research, Society and Development. Manaus AM, v.10, n. 10, p. e193101018448, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18448>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

RODRIGUES, R. C.; MARINHO, T. P. C.; AMORIM, P. Reforma psiquiátrica e inclusão social pelo trabalho. Ciência & saúde coletiva. Rio de Janeiro RJ, v. 15, n.1, p. 1615-1625, jun 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/vtKt5qgFCcB3qZMTqYYWTNH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SAMPAIO, M. L.; BISPO JÚNIOR, J. P. Rede de Atenção Psicossocial: avaliação da estrutura e do processo de articulação do cuidado em saúde mental. Cadernos de saúde pública. Rio de Janeiro RJ, v. 37, n. 03 p. e00042620, abr 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/N9DzbdSJMNc4W9B4JsBvFZJ/?lang=pt>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SANTOS, S. T.; LIMA, F. A. C. Interfaces da política nacional de humanização de assistência à saúde de pessoas com transtorno mental. Revista Iberoam Educ Invest Enfermagem. Maceió AL, v.7, n. 3, p.65-77, mar 2021. Disponível em: <<https://www.enfermeria21.com/revistas/aladefe/articulo/261/interfaces-da-politica-nacional-de-humanizacao-de-assistencia-a-saude-de-pessoas-com-transtorno-mental/>>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, I. N. C., et al. Modelos de gestão em enfermagem na saúde mental: Scoping Review. Revista Mineira de Enfermagem. Belo Horizonte MG, v. 25, n. e14-02, p. 1-10, ago 2021. Disponível em: <<http://www.dx.doi.org/10.5935/1415.2762.20210050>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

SILVA, P. O., et al. Cuidado clínico de enfermagem em saúde mental. Revista de enfermagem UFPE. [S.I], v. 12, n. 11, p. 3133-3146, nov 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236214>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SOARES, R. D., et al. O papel da equipe de enfermagem no centro de atenção psicossocial. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro RJ, v. 15, n.1, p. 110-115, mar 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000100016>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

TAVARES, C. M. D. M.; CORTEZ, E. A.; MUNIZ, M. P. Cuidado no hospital psiquiátrico sob a ótica da equipe de enfermagem. Revista Rene. Ceará CE, v. 15, n. 2, p. 282-290, jun 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3140>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

VASCONCELOS, E. M. Crise mundial, conjuntura política e social no Brasil e os novos impasses teóricos na análise da reforma psiquiátrica no país. Cad. Bras. Saúde Mental. Rio de Janeiro RJ, v.4, n. 8, p. 8-21, dez 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68665> >. Acesso em: 02 ago. 2022.